

Proposta: “A brincadeira da criança, o elemento lúdico na literatura e a formação da biblioteca da turma na Educação Infantil”.

texto: Anna Flora

Este material está organizado da seguinte forma:

1-A brincadeira da criança e o elemento lúdico na literatura.

2-A formação da biblioteca da turma: um processo conjunto envolvendo as crianças, suas famílias e a escola:

a) As crianças como protagonistas na escolha dos livros que formarão o acervo da biblioteca da turma.

b) A observação e o registro por escrito por parte do educador das brincadeiras e das conversas das crianças.

c) A participação das famílias na escolha do acervo: combinando a ida a uma livraria ou a uma biblioteca.

3-A roda de histórias: um elemento importante na biblioteca. A organização da roda e da biblioteca na escola.

4- A roda de histórias:

a) A roda de histórias com bebês (de 6 meses a 1 ano e meio)

b) A roda de histórias com crianças bem pequenas (de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses)

c) A roda de histórias com crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses)

5- Dois relatos sobre a organização da biblioteca:

- a) Com crianças bem pequenas (neste caso,de 2 anos a 3 anos e 11 meses)
- b) Com crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses)

6-Conclusão.

7-Bibliografia consultada

Apresentação da proposta:

1-A brincadeira da criança e o elemento lúdico na literatura:

Um dos aspectos fundamentais para abordar a literatura na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental é não transformá-la em um mero instrumento para a alfabetização.

Ainda é muito comum em diversas escolas, o educador ler uma história para as crianças, selecionar um trecho e apresentá-lo como modelo para o aprendizado da escrita.

No entanto, a abordagem da literatura deveria ser exatamente o oposto do exemplo citado acima, devido às seguintes razões:

Além do discurso instrumental, o texto de ficção abarca o discurso estético. Este inclui o jogo com a linguagem, que proporciona a ampliação do espírito crítico e da imaginação do leitor.

Neste sentido, a criança desta faixa etária, apesar de ainda não dominar a leitura e a escrita sob o ponto de vista convencional, pode ser considerada “ouvinte-leitora”, pois é uma apreciadora do texto literário.

Há certos elementos afins entre o jogo literário que o escritor cria e a brincadeira da criança: o prazer pela atividade em si, a elaboração de novos significados e a ludicidade em relação ao sentido das palavras.

Segundo Maria Ângela Barbato Carneiro no seu livro “Brinquedos e brincadeiras: formando ludoeducadores” o jogo é a linguagem natural da criança, sendo esta a forma que ela tem de atuar socialmente.

A brincadeira não só desenvolve a imaginação e a criatividade, ela também é fundamental para o aprimoramento do raciocínio lógico. Mesmo o “faz-de-conta”, ou seja, os jogos simbólicos, se baseiam em uma imitação que a criança observa da realidade.

Se a mescla entre a fantasia e o real está no cerne das brincadeiras na infância, estes mesmos elementos se encontram na construção das narrativas escritas, principalmente nas obras infanto-juvenis. É do equilíbrio entre ficção e realidade que a literatura é tecida.

Por exemplo, neste trecho do poema para crianças de Vinícius de Moraes, que faz parte da sua clássica obra “Arca de Noé”:

“As abelhas”

A AAAbelha mestra
E aaaas abelhinhas
Estão toooodas prontinhas
Pra iiiir para a festa

Num zune que zune
Lá vão pro jardim
Brincar com a cravina
Valsar com o jasmim
....etc ”

Vamos sentir a beleza da brincadeira que o poeta propõe ao leitor:

Nestas expressões: “AAAAbelha”; “aaas abelhinhas”; “tooodas”; “iiiir para a festa”:

As repetições sucessivas das letras “A, a, o, i” simulam o voo e o som das abelhas de uma maneira muito mais original do que simplesmente escrever a onomatopeia “zum”, que seria o recurso mais óbvio.

Notem que a letra “A” da expressão “abelha mestra” está escrita com maiúscula e o “a” das ‘abelhinhas” com minúscula. Mas este procedimento não foi feito para “alfabetizar a criança” e sim, como um jogo poético, incentivando a apreciação lúdica da palavra.

Há também o ritmo dos versos, que sugere uma verdadeira “dança” das abelhas.No “zune que zune”; “valsar com o jasmim”, etc.

Ao ouvir ou ler o poema, nós “vemos” as abelhas voando,pois a sonoridade é construída de maneira palpável . Isto porque Vinícius de Moraes respeita a inteligência do leitor e consegue uma proeza difícil: ser um grande poeta tanto para os adultos como para as crianças!

2- A formação da biblioteca da turma : um processo conjunto envolvendo as crianças, suas famílias e a escola.

a)As crianças como protagonistas na escolha dos livros que formarão o acervo da biblioteca da turma:

Na maioria das escolas, geralmente , a biblioteca é planejada de “fora para dentro”, ou seja: são profissionais contratados que escolhem e organizam o acervo.

O objetivo aqui é outro: são as brincadeiras e as histórias prediletas das crianças que determinam a seleção das obras. Inclusive, estas podem ser modificadas durante o ano letivo, pois toda biblioteca na sua essência é dinâmica e não estática.

Sob este aspecto, o educador pode propor aos pais que levem a criança a uma livraria, acentuando que é fundamental que ela escolha o livro – e não eles . Afinal, toda classificação é um reflexo do gosto de quem a planejou!

Evidente que a participação dos adultos neste processo é bem vinda; não podemos cair no extremo oposto de achar que toda sugestão familiar seja uma interferência negativa.

Neste sentido, é interessante em uma reunião, combinar com os pais e mães que a biblioteca ficará mais rica se houver variedade de gêneros: poemas, livros informativos, fábulas; contos de fadas, livros sem texto, etc.

b) A observação e o registro por escrito por parte do educador das brincadeiras e das conversas das crianças:

Inicialmente, um dos pontos de partida é conversar com as crianças sobre as histórias que elas ouvem e de que gostam. Este é um procedimento que pode ser realizado regularmente. (inclusive, ele será retomado no item mais adiante, “roda de histórias”.)

O educador pode perguntar para cada participante e anotar por escrito:

“Que histórias você gosta de ouvir? “

“ Há pessoas na sua casa que contam ou leem histórias para você?”

“Você tem alguns livros de histórias que você gosta?”

“Você costuma ir em livrarias? Já foi em uma biblioteca, que é um lugar onde tem uma porção de livros que a gente pode emprestar, ler em casa e depois devolvê-los?”

Outra fonte importante para orientar o educador na escolha do acervo junto com as crianças é o “Registro de Observação”.

A brincadeira é o repertório natural da criança. Junto com as conversas do grupo, são dois parâmetros essenciais para o professor registrar quais são os temas geradores e os assuntos que suscitam maior curiosidade para a turma. Por isso, o registro de observação deve ser feito constantemente, pois as seleções das obras serão renovadas a partir dos interesses das crianças.

Esta é uma sugestão para o “Registro de Observação”:

-Quais são as brincadeiras que as crianças realizam livremente e sem a interferência dos professores?

-Quais os assuntos que as crianças conversam entre elas?

- Durante diversas semanas e fora do horário de aula, vá a uma livraria ou biblioteca infantil. Pesquise e também leia vários livros para crianças cujas temáticas e narrativas tenham afinidades com as brincadeiras e as conversas registradas. Anote os títulos, nomes dos autores, dos ilustradores e das editoras.

c) A participação das famílias na escolha do acervo: combinando a ida a uma livraria ou a uma biblioteca:

Após a realização do seu “registro de observação” proponha uma reunião com as famílias para apresentar o projeto “Biblioteca da Turma”.

Assim, é possível durante esta reunião, os participantes decidirem conjuntamente quantos livros serão adquiridos de acordo com cada gênero literário. Não esquecer que o acervo não é definitivo, ele será ampliado e modificado no decorrer do ano.

Quanto à faixa etária na escolha dos livros:

Este aspecto é relativo, mas isso não significa que a idade seja um fator irrelevante e sim, que a opção por textos mais longos depende de cada leitor em particular.

Neste sentido, é importante respeitar a escolha da criança, evitando comentários do tipo “este livro não é adequado para você”, quando ela desejar adquirir um determinada obra.

O educador pode oferecer as seguintes sugestões aos pais e mães; evidentemente, estas são apenas uma referência:

Geralmente, o que pode ser observado, é que as crianças de zero a três anos aproximadamente, costumam apreciar: livros de pano com diferentes texturas; figuras grandes e coloridas, principalmente de animais; histórias com poucas frases ou narrativas só com imagens inspiradas em cenas cotidianas experimentadas pela própria criança; por ex: a hora do banho; minhas brincadeiras prediletas, minha família, etc.

A partir dos três, quatro anos, são bem vindas narrativas um pouco mais longas, histórias acumulativas em que o humor seja relevante e textos literários que apresentem causas e consequências bem nítidas, de fácil compreensão. Histórias com bichos que simulam comportamentos humanos, assim como poemas e versos com rimas também costumam despertar interesse nesta idade.

Por volta dos quatro, cinco anos, devido ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento conceitual, as preferências literárias se expandem

por narrativas mais elaboradas que apresentem peripécias e ações concomitantes; contos de fadas com animais fantásticos e objetos mágicos.

Além disso, devido ao aprimoramento da capacidade de discernimento, as crianças já percebem as características dos vilões e dos heróis; desse modo, apreciam histórias de aventuras com obstáculos a serem superados e um objetivo a ser conquistado.

Portanto, a questão “livros infantis / faixas etárias” transita pelo bom senso — que não é o senso comum. Dizer que a idade da criança não importa na escolha dos livros é tão falacioso quanto afirmar que suas preferências e maturidade como “leitora-ouvinte” não contam neste processo.

3- A roda de histórias: um elemento importante na biblioteca. A organização da roda e da biblioteca na escola:

A educadora Katia Alves Santos Queiroz na sua dissertação de mestrado “O desemparedamento das práticas dos profissionais da Educação Infantil: uma reflexão a partir do programa de Educação Tutorial (PET)” defendida na Faculdade de Educação PUC/SP em 2020, apresenta uma análise original sobre os termos “emparedar” e “desemparedar”. A autora nos mostra que estes dois conceitos não tem necessariamente ligação com os espaços físicos abertos ou fechados da escola.

O cerne da questão é o desemparedamento das mentalidades; é alargar as ideias engessadas. A literatura pode desempenhar um papel fundamental nesta experiência devido às seguintes razões:

Quando uma criança aprecia uma história lida em voz alta, ela estabelece ligações entre a narrativa e as suas experiências cotidianas. O ouvinte compara o texto com o que ele observa, imagina e se lembra.

Ou seja: a literatura irradia a mente neste vínculo que engloba vivência, observação, imaginação e memória.

Desse modo, ouvir histórias já é um primeiro passo para a criança desenvolver a paixão pela leitura da obra literária quando estiver alfabetizada. Por isso, sempre me refiro à criança da Educação Infantil como “ouvinte-leitora”.

Outros dois conceitos que são analisados de maneira muito instigante nesta dissertação são: “espaço” e “ambiente” na escola.

A autora Katia Alves Santos Queiroz se baseia nas ideias dos educadores espanhóis Miguel Zabalza, Lina Iglesias Forneiro e Erico Battini que desenvolveram extensas pesquisas sobre estes dois elementos na Educação Infantil. Esta análise está no capítulo “A organização dos espaços na educação Infantil.” presente no livro “Qualidade na Educação Infantil” ed. Artemed. Porto Alegre. 1998.

De acordo com estas concepções, em linhas gerais, “espaço” é o local físico onde as atividades educativas acontecem; já “ambiente” são as relações afetivas e profissionais que são estabelecidas entre as pessoas na escola, incluindo, é claro, os adultos e as crianças.

Erico Battini acredita que “espaço” para a criança é algo bem concreto: trata-se do lugar onde ela corre, brinca, mas também, é o local onde observa, lê e pensa.

Neste sentido, ele inclui o direito à introspecção, o que é uma análise inovadora sobre a infância contemporânea devido à seguinte razão:

No mundo atual, inúmeros fatores aceleram nossas vidas, entre eles, o uso abusivo da internet e da tecnologia. Isso gera uma certa inversão de valores, pois muitas vezes, confundimos agitação com alegria; rapidez com eficiência e introspecção com tristeza.

O que Battini nos desvenda com suas ideias sobre “espaço” é que a criança tem um mundo interior que precisa ser respeitado; um limite a ser preservado.

Podemos estabelecer pontes entre estas concepções sobre “espaço” e “ambiente” no processo de organização da roda de histórias e da biblioteca: observar, pensar e ficar consigo mesmo são atitudes propiciadas pela leitura e escuta de histórias. Portanto, “espaço” e “ambiente” também são elementos participantes da apreciação literária.

Devido a todos os fatores apontados acima, na escola de Educação Infantil é imprescindível ter um local acolhedor e calmo para a biblioteca e para a roda de histórias.

Não é necessário uma decoração luxuosa, pois de nada adianta uma biblioteca muito bem planejada sob o ponto de vista arquitetônico, como é comum em diversos colégios para crianças de classes abastadas, mas um

local “sem vida”, onde a turma não se apropria dos livros, ou seja: uma biblioteca “pra inglês e pras visitas verem”.

Para delimitar o espaço da roda de histórias, a sugestão é um tapete - não precisa necessariamente ser redondo. Se estiver à disposição um tapete comum, retangular, a turma se senta nas bordas e ele pode se transformar no “tapete voador das nossas leituras”

Almofadas de tamanhos adequados para os leitores, são fáceis de serem confeccionadas e se tornam fundamentais para os alunos se sentarem e lerem de maneira confortável, até deitados.

É importante também que as estantes estejam na altura dos usuários, pois este fator propicia autonomia e independência na escolha dos livros. Estes devem ser expostos nas prateleiras com as capas aparecendo, porque nestas faixas etárias as crianças “leem” o título pela ilustração da capa. Daí a importância ímpar que uma boa ilustração confere à curiosidade do leitor.

Evitar por os livros de lado, com as lombadas aparecendo, como nas bibliotecas para adultos.

Outra dica: as estantes nem precisam ser de madeira. Já vi bibliotecas geniais em escolas rurais e nas periferias das cidades, compostas por caixas de supermercado forradas com papel espelho e organizadas sobre mesas baixas.

Se houver espaço, é claro, fica interessante distribuir algumas mesinhas com quatro cadeiras ao redor de cada uma, pois várias crianças também apreciam ler desse modo tradicional. Além disso, é uma maneira de variar o lugar de leitura, ao invés de ficar só nas almofadas o tempo inteiro.

Outro procedimento importante é por um cartaz grande feito com folha de papel kraft na parede e escrever no alto: “Biblioteca da turma”, pois ele será útil no decorrer das atividades para anotar as retiradas e devoluções dos livros; sugerir livros novos, etc.

4- A roda de histórias:

- a) A roda de histórias com bebês (de 6 meses a 1 ano e 6 meses)**
- b) A roda de histórias com crianças bem pequenas (de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses)**

c) A roda de histórias com crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses)

a) A roda de histórias com bebês (de 6 meses a 1 ano e seis meses):

Antes de organizar os livros nas prateleiras, cada criança, na roda, mostra o exemplar que trouxe para a turma. O educador lê o título; apresenta o tema de cada obra, incentivando as crianças a dizerem o que aparece na capa:

“É bicho? Que bicho é? É gente? É algum objeto? É natureza, árvore, flores, etc?”

Após as apresentações, junto com as crianças, escolher um dos livros, para contar na roda .

Nesta idade é interessante mesclar a narrativa oral com a leitura de trechos escritos. Desse modo as crianças já vão percebendo nas entrelinhas as diferenças entre narrar e ler.

Durante a “contação” da história, é interessante mostrar para a turma as ilustrações correspondentes de cada trecho. Desse modo, os participantes desenvolvem as primeiras noções sobre sequência e temporalidade(começo, meio, fim, antes e depois, etc)

Após a leitura pode-se propor uma brincadeira a partir do enredo que foi apreciado. O jogo é o grande instrumento de interpretação literária justamente por ser a linguagem fundamental da infância.

Por exemplo, no livro “Os dez amigos” do Ziraldo, os personagens são os dedos das mãos; esta narrativa propicia muitas brincadeiras corporais, principalmente com mímica: dar tchau; bater palmas, abraçar, chamar, etc.

Mesmo os textos não ficcionais, baseados em situações análogas às vivências da criança no seu cotidiano, permitem várias brincadeiras : “De manhã eu acordo, tomo banho e vou para a escola”.Só nesta frase , quantas cenas podem ser representadas por meio do jogo teatral !

Após as brincadeiras inspiradas na obra que foi lida, uma sugestão é por os livros na roda para cada criança escolher um dos exemplares.

Em um primeiro momento é claro que os bebês, principalmente os menores, vão manipular o livro apenas como objeto. O objetivo é este mesmo, pois esta atividade sensório-motora incentiva a criança a se apropriar do “objeto

livro”: virar as páginas, admirar as figuras, identificar as ações dos personagens, etc.

Inclusive, livros que tem ilustrações com texturas diversas, ou que emitem sons quando manipulados, são bem adequados para esta proposta. Por exemplo: uma obra sobre “animais da fazenda” em que apareça a ilustração de uma vaca, que ao ser tocada pelo leitor emite o som “muuu”; a figura do porco exprimindo “roinc,roinc”, etc .

No final da roda de histórias é interessante ressaltar a importância de guardar os livros no lugar adequado. Junto com as crianças, cada uma coloca o exemplar que “ leu” na prateleira da “biblioteca da turma”. Desse modo, todos já participam da organização do acervo.

É recomendável repetir os momentos descritos em diversas ocasiões, aprimorando sucessivamente as etapas .

Após os encontros iniciais, o educador pode pedir para as crianças escolherem qual o livro que será lido na roda; outra ideia é o grupo construir com sucatas um dos personagens da narrativa e este também participar da leitura junto com a turma.

Há também enredos que permitem ligações entre a literatura e diversas manifestações da cultura popular brasileira. Por exemplo, após a apreciação de um livro cujo tema seja “a hora de dormir” ou “os bichos dormem” é interessante cantar acalantos que fazem parte do repertório dos bebês: “Nana nenê”; “Bicho papão”, “Boi da cara preta” etc.

Já o livro “A boca do sapo” de Mary e Eiliardo França inspira muitas brincadeiras com as canções de roda “ O sapo cururu” e “O sapo não lava o pé”.

Desse modo, você estabelece elos entre a literatura e a cultura popular a partir do repertório infantil : canções de ninar, cantigas de roda , parlendas e versos.

b) A roda de histórias com crianças bem pequenas (de 1 ano e 6 meses a 3 anos e 11 meses):

Os procedimentos podem ser os mesmos do grupo anterior, mas proporcionando maior autonomia para as crianças.

A partir dos dois anos e meio, aproximadamente, elas já são capazes, por iniciativa própria, de se dirigirem à estante e escolherem um livro. Nesta idade, a frase “Lê pra mim” costuma ser constante criando uma boa oportunidade para o educador realizar novas leituras na roda.

Nesta faixa etária, a preferência por enredos mais complexos se aprimora e narrativas acumulativas são muito apreciadas. Por exemplo: “O cavalo correu atrás do gato, que correu atrás do rato, que correu até o buraco”.

Outro elemento literário que se torna relevante para as crianças é o humor, principalmente quando um personagem mais fraco vence outro mais forte por meio da esperteza. Sob este aspecto, diversas fábulas e contos populares são bem vindos: “O jabuti e a onça”; “O galo e a raposa”; “A onça e o coelho”, etc.

Após a leitura na roda, uma sugestão é propor jogos teatrais em duplas inspirados nas narrativas: a lebre dormindo e a tartaruga vencendo a corrida; o jabuti enganando a onça por meio de um estratagema, etc. Além disso, encenar diversas cenas que a turma considere significativas incentiva a criatividade e a autonomia.

Outra opção é construir personagens com sucatas e suas “trilhas” no decorrer da história.

Certa vez, propus uma atividade a partir da leitura do livro “Lucia já vou indo” de Maria Heloísa Penteado. Nesta narrativa, os personagens são bichinhos de jardim e a protagonista é uma lesma, que precisa chegar a tempo ao aniversário da libélula. Por ser muito lenta, Lucia encontra vários obstáculos pelo caminho, mas é ajudada pelos outros bichinhos que apresentam a ela uma solução surpreendente.

No grupo composto por crianças de dois a três anos, construímos o corpo da lesma com bolas de papel. Em seguida, estas foram colocadas sobre uma folha de crepom aberta. Depois a enrolamos e prendemos suas bordas com fita crepe. O rosto da lesma foi feito com cartolina.

O trajeto do personagem, criado com papel kraft, percorria o pátio da escola. As crianças decidiram que elas mesmas interpretariam os outros bichinhos de jardim, que ficam na trilha e ajudam a protagonista.

Pusemos um barbante no pescoço da Lucia e levamos a lesma pelo caminho.

Diversos alunos de outras classes viram a encenação no pátio e se interessaram por ela. Em decorrência disso, na semana seguinte, o grupo realizou um sarau contando a história “Lúcia já vou indo” para estes ouvintes.

Neste sentido é interessante salientar que uma leitura, muitas vezes, se desdobra em releituras, como foi neste caso.

Houve também uma atividade em que os participantes vieram fantasiados dos seus personagens prediletos e nós contamos suas respectivas narrativas: o Gato de botas; o Barba azul; a Bela adormecida, etc.

c) A roda de histórias com crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses):

Nesta idade, a linguagem e a expressão simbólica se aprimoram e o senso crítico se esboça. As crianças já distinguem defeitos e qualidades nos personagens. Há uma percepção mais detalhada das causas e consequências na trama e da noção do conflito a ser resolvido no decorrer da peripécia.

Além disso, a criança ao recontar uma história para o ouvinte, identifica e expressa de maneira mais nítida os elementos constitutivos da literatura: **quem** o personagem é; **o que** ele fez; **quando** fez; **onde** ele fez, **para que** fez, etc.

Esta ampliação intelectual se reflete na escolha dos temas e personagens. Há um interesse por enredos que apresentem animais com características humanas, principalmente quando seus comportamentos retratam ousadia para romper a ordem estabelecida:

O gato aventureiro que viaja pelo mundo; o coelho que vai até floresta mesmo sendo proibido pelos pais; o sapinho que sai do poço para conhecer a vida lá fora; o macaco que une a macacada para enfrentar o gorila mandão, etc.

Em relação à leitura de poemas há uma apreensão mais apurada do jogo das expressões, das rimas e do ritmo dos versos, devido ao refinamento do pensamento conceitual da criança.

São muito apreciadas também as histórias em que se brinca com os diversos significados das palavras, como em “Marcelo, marmelo, martelo” de Ruth Rocha, em que o personagem cria um vocabulário próprio. Para ele, cadeira é “sentador”; cachorro é “latildo” e leite é “suco da vaca”.

Uma das maneiras de iniciar a roda de histórias com esta faixa etária é incentivar cada participante a contar para a turma como foi a sua ida à livraria. Em seguida, ele apresenta o livro que escolheu para a biblioteca. O educador pode ajudar em diversas etapas, lendo o título do livro, os nomes do escritor e do ilustrador.

Outra proposta na roda é todos votarem qual história será lida para a turma. Depois, pode-se expor todos os livros e cada criança escolher um exemplar para ler no local.

Outras abordagens possíveis são:

Ouvir e ler histórias só pelo prazer da apreciação em si.

Ouvir uma história e depois trocar ideias e conversar sobre o enredo com o grupo.

Ouvir histórias e interpretá-las por meio de um jogo teatral ou de uma brincadeira.

Estabelecer elos entre a história que foi lida com outras atividades que estão sendo realizadas na escola.

Organizar saraus em que as crianças declamam versos, cantigas e parlendas para a turma.

Outra ideia é cada participante apresentar e recomendar para o grupo um livro que tenha descoberto e gostado, seja recém publicado ou não.

Sob este aspecto, podemos seguir uma prática criada pelo grande educador Celestin Freinet:

Por na parede um cartaz onde está escrito “Eu recomendo” e toda semana, uma criança apresentar um livro para a turma colando no painel a fotocópia da capa do livro sugerido ao lado da cópia do seu retrato.

Há uma atividade muito simples que possibilita interpretações instigantes: após a leitura de uma história, cada criança desenha numa folha de sulfite a cena que ela considera mais marcante daquele enredo.

Ao comparar todos os desenhos, muitas ligações podem ser estabelecidas com a literatura:

Quantas crianças desenharam a mesma situação da narrativa? Houve alguém que escolheu uma cena que ninguém mais desenhou?

A partir destas comparações é possível abordar o seguinte conceito :

Numa história, ao mesmo tempo em que há trechos do enredo que são mais significativos para a maioria dos leitores; há outras passagens que são mais interessantes para um leitor e não para outro.

Isso é uma coisa bonita que a literatura nos oferece: o geral, que é de todo mundo e o particular, que é só da gente.

5- Dois relatos sobre a organização da biblioteca:

a) Com crianças bem pequenas (neste caso, de 2 anos a 3 anos e 11 meses)

b) Com crianças pequenas (de 4 anos a 5 anos e 11 meses)

Após experimentar várias vezes os procedimentos citados nos itens anteriores, ou seja, ler muitas histórias na roda; jogar simbolicamente a partir dos enredos, organizar diversos saraus; realizar várias brincadeiras inspiradas nas narrativas; etc, só então a turma escolhe de que maneira os livros serão organizados na biblioteca.

Como já foi citado anteriormente, é fundamental, em um primeiro momento, as crianças se apropriarem da própria literatura a fim de que a biblioteca tenha significado para o grupo. Desse modo, o critério para a organização se baseia na soma das leituras apreciadas por todos.

Numa experiência que realizei, em uma escola de Educação Infantil localizada na zona oeste da cidade de São Paulo, com turmas de crianças de 2 anos a 3 anos e 11 meses, diante da pergunta “qual é o melhor jeito de arrumar nossos livros nas prateleiras?” a resposta foi interessante:

Um dos primeiros parâmetros escolhidos foi o tamanho: “livrões”; “livros” e livrinhos”.

Para esta faixa etária, tamanho é algo bem palpável e concreto. Portanto, este é um sistema válido para os usuários e mais convincente do que tentar explicar para a turma o que são “gêneros literários” ou organizar a biblioteca dessa maneira tradicional.

Após dois meses com muitas leituras de histórias e poemas na roda, as crianças apresentaram outras sugestões, entre elas:

Paulo, 3 anos: “Tem histórias só com bichos, tem histórias só com gente e tem histórias com bichos e gente”.

Depois de conversar e trocar ideias, todos concordaram em rearrumar os livros da biblioteca segundo estas três categorias acima.

Até que eles perceberam que havia obras que não se encaixavam no critério proposto:

Luana (3 anos): “Tem história com coisa que fala” (enredos com personagens que são objetos animados)

Juliana (3 anos e 11 meses): “Tem livros só com versinhos...”

Então, a turma decidiu que as obras que não contavam “histórias só de bichos”, “histórias só de gente” e “histórias de bicho e gente” ficariam numa outra prateleira da biblioteca.

O escritor, bibliotecário e leitor apaixonado Alberto Manguel no seu maravilhoso livro “A biblioteca à noite” nos mostra que nenhum método de catalogação é fechado em si mesmo.

Se uma determinada ordem deixa de satisfazer ao seu destinatário, ela deve ser modificada de modo a permitir novas classificações – algo que ele sempre fez nas suas bibliotecas particulares.

Ele também salienta que nenhuma seleção, por mais abrangente que seja, dá conta de todos os livros. São aquelas obras como “História da Pedagogia”, que ora pomos na seção de História, ora entre os livros da área de Educação.

Quando a biblioteca é organizada por um grupo de crianças, convém que haja um equilíbrio neste processo, respeitando sempre as preferências da maioria.

O importante é o educador respeitar as normas escolhidas, pois estas correspondem ao estágio em que os participantes se encontram quanto ao desenvolvimento do pensamento conceitual e da linguagem.

Se por um lado, nenhuma ordenação é imutável, ela também não precisa ser modificada sob qualquer pretexto, caso contrário, o usuário até pode se confundir quando for escolher um livro na estante.

Na experiência apresentada, as próprias crianças buscaram outras regras para o acervo, mas estas duravam alguns meses, a fim de que todos se acostumassem com ela.

Um outro aspecto relevante foi observar como a capacidade de abstração se desenvolveu quanto aos critérios de organização : do “tamanho” dos livros

para “ histórias só com bichos”; “histórias só com gente” e “histórias com bichos e gente”.

Ou então, esta descoberta feita por uma menina :

Bianca (3 anos e 7 meses) : “Tem livrão com uma porção de historinhas pequenas — era um livro de fábulas — e tem livrinho que só tem uma história grande!”

Outra característica é constatar que as crianças, naturalmente vão percebendo as diferenças entre os gêneros literários , mesmo que o educador não explique o significado desta expressão para elas.

Pude verificar isso no grupo composto por participantes entre 4 anos a 5 anos e 11 meses, cujas observações foram estas:

Joana (4 anos): “Tem livro só com versinhos, meu pai falou, chama poemas”

Pedro (4 anos e 6 meses): “Tem historias curtinhas só com bichos (as fábulas)

Paulo(5 anos): “Por que “contos de fadas” se chama assim se tem bruxas também? Por que não é “contos de fadas e de bruxas”?

Camila (5 anos e 9 meses) : “Devia ser contos de fadas,d e bruxas, de princesas, de príncipes e de dragões!”

Isabel (4 anos e meio): “E tem a vovó!”

Após muitos debates, o grupo do qual participavam as crianças acima, organizou a biblioteca da seguinte maneira:

-Livros de “coisas de verdade” (livros informativos sobre animais, flores e a vida cotidiana, etc)

-Livros de “coisas de faz de conta” (ficção)

-Livros de poemas

Livros de histórias curtinhas só com bichos (fábulas)

-Livros de contos de fadas e de bruxas (eles optaram por esta categoria, pois acharam muita coisa “contos de fadas, de bruxas, de príncipes, de princesas, de dragões e da vovó”)

Copiei as classificações acima na folha de papel kraft grande, pregada na parede, em que estava escrito “Biblioteca da turma”

Para esta turma composta por crianças de 4 anos a 5 anos e 11 meses, em um outro momento, a atividade prosseguiu desse modo:

Organizados em trios, cada equipe recebeu cinco pedaços de cartolina em forma de quadrado, medindo 15cm x 15cm.

Os participantes das equipes criaram um desenho (um símbolo) em cada quadrado para representar cada um dos “gêneros literários” citados acima.

Depois cada equipe mostrou sua produção e todos votaram nos símbolos que consideraram mais representativos.

O resultado foi este:

Livros de “coisas de verdade”: (o símbolo era uma casa)

Livros de histórias curtinhas com bichos (o símbolo era a figura do ratinho e do leão, personagens da fábula de que eles mais gostavam)

Livros de contos de fadas e de bruxas (o símbolo era uma varinha de condão ao lado de um chapéu de bruxa)

Livros de “coisas de faz de conta” (o símbolo era o rosto do Menino Maluquinho, personagem criado pelo escritor e ilustrador Ziraldo , que era a história mais apreciada pela turma)

Copiei as categorias escolhidas no cartaz “Biblioteca da turma” e algumas crianças desenharam o símbolo correspondente ao lado de cada uma.

Junto com o grupo, em outra atividade que durou três encontros, apresentei novamente cada livro da biblioteca na roda.

Enquanto lembrávamos a leitura que tínhamos feito da obra , as crianças decidiam em qual “gênero” ela se enquadrava.

Concomitante a isso, eu anotava em um caderno os títulos e as quantidades de livros que correspondiam a cada item. Depois, fotocopiei os símbolos nas quantidades necessárias.

Em outros encontros – e sempre lembrando na roda, quais foram as etapas anteriores – as crianças, ajudadas por mim e por outro funcionário da escola, pregaram com fita adesiva o símbolo correspondente na capa de cada livro. Então, organizaram as obras nas prateleiras.

No decorrer do ano, ampliamos esta ordenação com o “painel de retiradas e devoluções”.

Pusemos um painel de feltro na parede e pregamos nele as fotos de cada criança.

Cada participante pegou um livro da biblioteca. Distribui para cada aluno um pedacinho de cartolina medindo 5cmx 5cm. Neste suporte, a proposta foi criar um símbolo, desta vez, exclusivo para aquele livro. Combinamos que os símbolos não podiam se repetir.

Depois que os símbolos estavam desenhados plastifiquei e pus um velcro atrás de cada um. Em seguida, cada criança pregou o símbolo na capa do livro.

Quando o usuário retirava o livro, ele tirava o símbolo da capa e o pregava no painel, ao lado da sua foto.

Quando devolvia a obra para o acervo, o leitor tirava o símbolo do painel e o punha novamente na capa do livro. Em seguida, guardava o exemplar na prateleira correta da biblioteca.

6- Conclusão:

As atividades apresentadas são apenas algumas sugestões, evidentemente, há inúmeras outras maneiras de se abordar a literatura e organizar uma biblioteca com crianças.

Em relação à proposta demonstrada, a seleção das obras se baseou nas brincadeiras, nas histórias prediletas e no envolvimento ativo dos participantes no processo de escolha. Portanto, este repertório lúdico foi o parâmetro organizador das classificações.

O relato ressaltou que o significado profundo do acervo para o usuário é decorrência da sua paixão como leitor. Assim, estabeleceu-se elos entre o desenvolvimento do jogo e da linguagem nas diferentes faixas etárias com os elementos constitutivos da literatura infantil. Entre estes, salientou-se o discurso

estético, que envolve a brincadeira quanto aos múltiplos significados das palavras no texto.

Outro fator fundamental desta experiência é o papel da “roda de histórias”, que na sua essência representa uma “ágora literária”, ou seja, um espaço de leitura onde todos participam e opinam sobre as obras apreciadas.

Quanto aos critérios escolhidos pelas crianças para a classificação do acervo, pode-se constatar que os parâmetros acompanham os estágios do pensamento conceitual e do desenvolvimento do jogo relativos às faixas etárias.

Desse modo, em uma primeira etapa, a classificação é realizada de uma maneira bem concreta (organizar os livros pelo tamanho) evoluindo gradualmente para uma capacidade mais ampla de abstração.

Neste sentido, a partir de uma certa idade, as crianças selecionam as obras tendo como referência os gêneros literários, que são interpretados de acordo com a lógica infantil (“livros de coisas de faz de conta” para obras de ficção; “livros de coisas de verdade” para textos informativos, etc)

Mostrou-se também que a escolha de categorias novas e a modificação dos critérios seletivos são elementos que participam deste quadro evolutivo. O aspecto que se sobressai é a paixão pela leitura, é ela que impulsiona e dá sentido à ordenação.

Reunir, classificar, ampliar coleções e se desfazer de outras fazem parte desta atividade prazerosa e infinita. Afinal, as bibliotecas, assim como as brincadeiras da infância, são dinâmicas e participam do movimento da vida!

7-Bibliografia consultada:

- Battini, Erico, Forneiro, Lina Iglesias: “A organização dos espaços na educação Infantil” in Zabalza, Miguel (org): **Qualidade na Educação Infantil** ed. Artemed.Porto.Alegre.1998.

-Benjamin, Walter: **A criança, o brinquedo e a educação.** ed. Summus. SP.1985.

-Carneiro, Maria Ângela Barbato: **Brinquedos e brincadeiras: formando ludo educadores**.ed. Articulação Universidade/ Escola. SP.2003

-Freinet, Celestin: **Para uma escola do povo**. ed. Presença. Lisboa. 1973

-Queiroz, Katia Alves Santos: **“O desemparedamento das práticas dos profissionais da Educação Infantil: uma reflexão a partir do programa de Educação Tutorial (PET)”** dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação PUC/SP em 2020.

-Manguel, Alberto: **A biblioteca à noite** ed. Companhia das Letras. SP. 2015

Idem: **O livros e os dias: um ano de leituras prazerosas**. Companhia das Letras. SP.2005

Piaget, Jean: **A formação do símbolo na criança**. ed. Zahar. RJ.1986.

Idem: **A linguagem e o pensamento da criança**. ed. Martins Fontes. SP.1990.